

[Página Inicial](#)

[Agenda de Eventos](#)

[Especial - Acordo Ortográfico](#)

Artigos

[Artigos de IC](#)

[Blog](#)

Reflexões sobre o ensino de línguas

[Resenhas](#)

[Textos Literários](#)

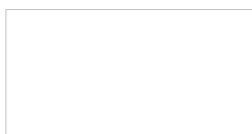
Edições Anteriores

Junte-se a nossa lista de e-mails!

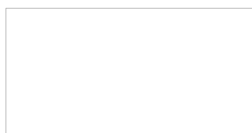
Email Address

Subscribe

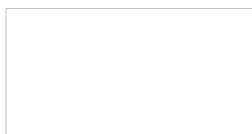
Veja também:



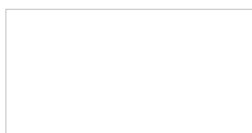
Instituto Matoso Câmara



Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec

FERDINAND DE SAUSSURE E O CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL: QUE LINGÜÍSTICA?

Paula Ávila Nunes^[1]

Alguns livros são desmerecidamente esquecidos. Nenhum é desmerecidamente lembrado.

W. H. Auden, em *The dyer's hand*

Nós dissemos a lingüística, supondo, pois, a unicidade de um referente. No entanto, seria fácil mostrar que se reclamam deste título, e não sem direito, teorias bastante diferentes, diferentes no que é preciso entender por teoria, por ciência, por demonstração, etc.

Jean-Claude Milner, em *O amor da língua*

Mais do que remissão ao trabalho de Ferdinand de Saussure, a volta sobre o *Curso de Lingüística Geral (CLG)*, os *Escritos de Lingüística Geral* e a fortuna crítica, hoje tão ampla, sobre o mestre genebrino e a obra conferida a ele configuram um caminho incontornável a ser seguido por aqueles que se detêm a estudar a linguagem. Silveira (2007) pontua bem a centralidade de Saussure nos estudos lingüísticos: ele “não é um a mais na lingüística: ele é aquele que possibilitou haver lingüística tal qual ela é” (p. 33). E, se isso se verifica, é inquestionável recolocar Saussure e sua obra constantemente na ordem do dia.

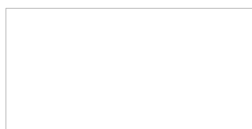
Mesmo equivocadamente visto como ultrapassado, uma leitura atenta, principalmente do *Curso*, mostra a atualidade do pensamento saussuriano por aquilo que talvez mais incomoda os que o estudam: trata-se de um percurso inconcluso, que Saussure não teve tempo de finalizar^[2] e que, portanto, abre seu trabalho a diferentes estudos e interpretações. Este texto procura tomar o *CLG*^[3] exatamente na sua incompletude, mais especificamente em uma de suas obscuridades: se Saussure é apontado como fundador de uma nova Lingüística, que Lingüística é essa que se instaura, uma vez que, se pensarmos bem, a Lingüística, poderíamos dizer, existe desde que o homem reflete sobre a linguagem? É na tentativa de responder a essa pergunta, bem como avaliar o que sua resposta impõe ao trabalho do lingüista que este texto se desenvolve.

Certezas incertas

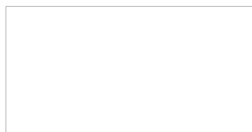
O *CLG* sempre me intrigou pelo que poderíamos chamar de seus paradoxos: primeiramente, trata-se de um curso que, na verdade, são 3^[4]. Além disso, estão reunidos, de forma não-linear, é importante que se observe, por dois autores que não assistiram às



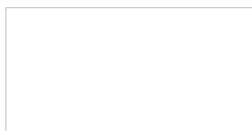
Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos



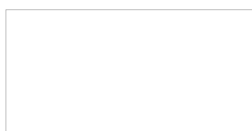
Domínio Público



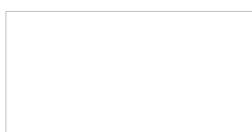
GEScom



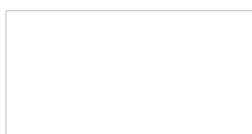
GETerm



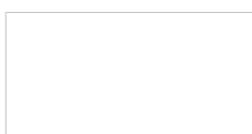
iLteC



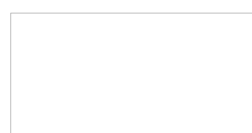
Institut Ferdinand de Saussure



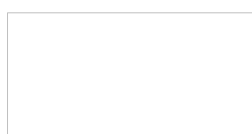
Letr[a]s.etc.br



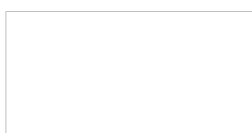
Portal da Língua Portuguesa



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!

aulas de Saussure. Em segundo lugar, atribui-se a ele a fundação de um modo estruturalista de pensamento, quando a palavra “estrutura” aparece pouquíssimas vezes ao longo do *CLG*, e “estruturalismo” nem ao menos uma. Uma terceira, mais interessante para os objetivos deste trabalho, mas que segue na mesma linha das duas primeiras é a seguinte: se o sintagma “Lingüística Geral” aparece apenas duas vezes ao longo do livro^[5], que Lingüística é essa que intitula a obra e que dizem ter sido inaugurada por Saussure? O que ela apresenta de novo, em termos epistemológicos e metodológicos, na conjuntura dos trabalhos feitos na Lingüística da época? Mais ainda: Saussure *funda* uma Lingüística? Nas palavras de Normand (2006): a Lingüística saussuriana é “nova? Sim, mas em relação a quê?” (p. 156).

Esses interrogantes têm sua origem no questionamento de algumas certezas tidas como absolutas, sobretudo naquela que assevera que Saussure funda uma Lingüística *nova*, ou mesmo a Lingüística *propriamente dita*. Autores que endossam tal afirmação não são escassos. Apenas a título de exemplo, Dosse (2007) diz:

Foi necessário, porém, esperar a publicação do *Cours de linguistique générale* [Curso de Lingüística Geral] (chamado *CLG*) para assistir ao nascimento da lingüística moderna. (...) Saussure oferece uma interpretação da língua que a coloca resolutamente do lado da abstração para afastá-la do empirismo e das considerações psicologizantes. *Funda assim uma nova disciplina, autônoma em relação às outras ciências humanas: a lingüística.* (p. 82, grifos meus).

Ora, tal afirmação surpreende, sobretudo se analisarmos o texto do *Curso* e observarmos que o próprio Saussure usa o termo Lingüística para se referir aos estudos feitos até então, como neste excerto: “A Lingüística propriamente dita, que deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe, nasceu do estudo das línguas românicas e das línguas germânicas” (p. 11)”. Chama a atenção que o termo empregado pelo mestre é precisamente “a Lingüística propriamente dita”, que, por sinal, ele refere aos estudos já feitos no âmbito deste campo do saber. Voltarei às ocorrências do termo Lingüística no *CLG* mais adiante neste trabalho. Por ora, apenas saliento o que Normand (op. cit.) já mencionara: “as obras de introdução não faltam, mas elas me parecem tomar por certo a novidade saussuriana sem se incomodar em justificar essa afirmação^[6]” (p. 156 – tradução minha). É nesse sentido que proponho investigar em que medida tais afirmações se justificam ou não.

O termo *Lingüística* no *CLG*

Uma leitura, mesmo que superficial do *Curso*, evidencia a extensa aplicação do termo “Lingüística”: são mais de 60 ocorrências, excetuando-se títulos e subtítulos. Se considerarmos, porém, as instâncias em que há determinantes específicos para esse substantivo, o número se multiplica radicalmente: temos a Lingüística histórica, Lingüística indo-européia, Lingüística evolutiva, Lingüística estática, Lingüística da língua, Lingüística da fala, Lingüística interna, Lingüística externa, Lingüística sincrônica, Lingüística diacrônica. No entanto, uma leitura cuidadosa, ou mesmo a quantidade massiva de adjetivos restritivos aplicados ao termo, nos mostra que nem sempre seu emprego se dá em referência a uma mesma idéia. Não se pode, assim, ignorar e planificar diferenças no tratamento do que é visto como Lingüística no *Curso*, e tais ocorrências merecem um olhar mais sistemático.

De forma sintética, “as Lingüísticas” do *Curso* parecem estar ligadas a três momentos históricos: passado, presente e futuro. Analisemos cada um deles.

A Lingüística em referência ao passado

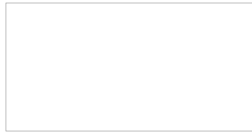
Quando sugiro que há um emprego de “Lingüística” que se refere ao passado, estou, na verdade, aludindo a passagens em que vemos o termo sendo usado para se reportar a



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

estudos feitos antes mesmo da Lingüística histórica, prática corrente da época. Esse emprego é evidenciado, sobretudo, no primeiro capítulo da Introdução do *Curso*, mas não se resume a ele. Tomemos alguns exemplos^[7]:

Sem dúvida, essas pesquisas [em gramática] prepararam a **Lingüística**^[8] histórica: os trabalhos de Ritschl acerca de Plauto podem ser chamados lingüísticos (p. 8).

Esse livro [Breviário de Gramática Comparada das Línguas Indo-Germânicas, de Bopp], que durante longo tempo prestou grandes serviços, evoca melhor que qualquer outro a fisionomia dessa escola comparatista que constitui o primeiro período da **Lingüística** indo-européia (p. 9-10).

Por conseguinte, a diversidade geográfica foi a primeira comprovação feita em **Lingüística**; ela determinou a forma inicial da pesquisa científica em matéria de língua, inclusive entre os gregos (p. 222).

Os excertos mostram claramente uma alusão a uma Lingüística em estado nascente, remetida aos estudos gregos sobre gramática, estudos que, segundo o *CLG*, eram desprovidos de “qualquer visão científica e desinteressada pela língua” (p. 7). Atento para dois fatos até aqui: 1) o termo Lingüística já é utilizado, no próprio *Curso*, em referência aos estudos pré-saussurianos; 2) essa Lingüística é, inclusive, referida como ciência, na linha de abertura da introdução: “a *ciência* que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto” (p. 7 – grifo meu). O primeiro ponto questiona o fato de só haver Lingüística a partir do momento em que Saussure ministra seus cursos; o segundo, o fato de que é o caráter de cientificidade que confere a Saussure sua importância nos estudos lingüísticos. Mesmo que o *CLG*, como veremos mais adiante, imponha uma nova metodologia de abordagem do dado lingüístico, a Lingüística praticada até então era, contrariamente ao que é comumente afirmado, vista como Lingüística e como ciência.

A Lingüística em referência ao presente

É importante, primeiramente, ressaltar que aquilo que estipulo como “Lingüística no presente” refere-se ao momento em que Saussure ministrava seus cursos, portanto, de 1907 a 1911. Temos, como exemplos, as seguintes passagens:

Desde que a **Lingüística** moderna existe, pode-se dizer que se absorve inteiramente na diacronia (p. 97).

(...) a **Lingüística** atual se esforça, com razão, por reduzir séries tão vastas quanto possível de mudanças fonéticas e um mesmo princípio inicial (p. 110).

Um grupo de línguas assim relacionadas se chama uma família; a **Lingüística** moderna reconheceu sucessivamente as famílias indo-européia, semítica, banto, etc. (p.222).

No entanto, se essas passagens têm por escopo a Lingüística praticada naquela época, inclusive pelo próprio Saussure, a chamada Lingüística Histórica, essa não é a única direção para que o termo aponta: temos também referências àquilo que podemos chamar de uma *Lingüística em formação*, cujas bases eram elaboradas ao longo dos cursos. Temos, assim, remissões a duas Lingüísticas em referência ao presente: uma já praticada, e outra que ia tomando forma ao longo da exposição do professor:

Assim, a **Lingüística** se acha aqui ante sua segunda bifurcação. Foi necessário, primeiro, escolher entre a língua e a fala; agora, estamos na encruzilhada dos caminhos que conduzem, um à diacronia, outro à sincronia (p. 114)

Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais; é deles e de suas relações que a **Lingüística** se ocupa; podem ser chamados *entidades concretas* desta ciência (p. 119 – grifos no original).

A Fonética e toda a Fonética, constitui o primeiro objeto da **Lingüística** diacrônica (p. 163).

Esse segundo grupo de exemplos atesta o movimento de Saussure: na tentativa de sistematizar a Lingüística feita até então, ele vai desenvolvendo, ao longo de suas aulas, novas noções, (re)definindo novos e antigos conceitos. Nesse sentido, gostaria de chamar atenção para a seguinte passagem:

Em seus primórdios, a **Lingüística** indo-européia não compreendeu o verdadeiro fim da comparação nem a importância do método reconstitutivo (p. 251).

A Lingüística, aqui já referida no passado, é ainda a indo-européia. Assim, parece-me que o próprio CLG marca um ponto crucial na exposição de Saussure: *o ponto que a própria Lingüística por ele praticada vira passado, e algo novo emerge*. Contudo, talvez ainda não fosse possível dizer que se tratava de uma Lingüística essencialmente *nova* (já que resultava de questionamentos e indagações emergentes da reflexão sobre a própria prática dos lingüistas da época), mas de uma Lingüística antiga com nova roupagem, com enfoque diferente, preocupada com os fundamentos que até então pareciam claros aos comparativistas^[9]. Por essa via, Benveniste (1989:31) tem razão: “Saussure, ele não é um começo, ele é outra coisa, ou é um outro tipo de começo”.

Se não parece haver novidade até aqui, apenas um outro começo, como diz Benveniste, o que se constitui como *novo* no programa saussuriano parece estar, inversamente, naquilo que ele não realiza, mas que lança para o futuro, na forma daquilo que Bouquet (2000) chama de uma *epistemologia programática* e que, aqui, referimos como uma Lingüística em referência ao futuro.

A Lingüística em referência ao futuro

Novamente, estamos lidando aqui com um futuro em relação ao período de realização dos cursos ministrados por Saussure. Neste grupo, gostaria de chamar a atenção para 2 passagens, em que vemos claramente uma proposta saussuriana para uma Lingüística futura:

A tarefa da **Lingüística** será:

- a) Fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- b) Procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;

A **Lingüística** não é senão uma parte dessa ciência geral [a Semiologia]; as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à **Lingüística** e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (...) Guardemos, neste ponto, apenas uma coisa: se, pela primeira vez, pudemos assinalar à **Lingüística** um lugar entre as ciências foi porque a relacionamos com a Semiologia. (p. 24).

As passagens transcritas acima evidenciam um momento em que Saussure lança para o futuro alguns aspectos que devem ser considerados para a formação da Lingüística. Tal informação é importante, pois se trata de um empreendimento *não* realizado pelos lingüistas da época, muito menos por Saussure, mas algo que somente poderia ser feito *a posteriori*.

Considerações sobre as ocorrências

As ocorrências destacadas até o momento devem deixar claro um aspecto: não há apenas *uma* Lingüística no *CLG*. Ela nem mesmo se apresenta como pronta. Ao contrário, o *Curso* é o reflexo mesmo das angústias do professor: se observarmos bem, os capítulos que normalmente referimos como aqueles que propõem algo novo (tais como aqueles que integram a primeira e a segunda parte do livro) são aqueles oriundos do segundo e terceiro cursos ministrados por Saussure^[10]. É só tomarmos o capítulo mais fundamental do *CLG*, o do valor em Lingüística, baseado nas duas últimas aulas dadas pelo mestre ao final do terceiro curso. Tal cronologia é fundamental e não apenas item de curiosidade. Ela comprova a constatação de Milner (1987):

A lingüística que existe e que se trata de fundar é a gramática comparada, aliás a única disciplina que Saussure praticou. Apenas, ao expor suas condições gerais, Saussure descobriu que ela não era a única forma de lingüística científica possível: dito de outra forma, os conceitos de língua, de signo, de diferença, etc., necessários para dar conta da reconstrução indo-européia, podem ter um alcance mais geral e autorizar outras abordagens (p.33).

Nesse sentido, é interessante contrastar a percepção de Milner com aquela proposta por Bouquet (2000), para quem há um “planejamento lógico que atravessa o conjunto do *corpus* saussuriano de lingüística geral” (Bouquet, 2000: 14), constituído por:

(1) uma epistemologia da gramática comparada (epistemologia entendida aqui no sentido estrito das condições de pertinência de uma ciência existente); (2) uma reflexão “filosófica” sobre a linguagem ([...] no sentido de uma metafísica); (3) uma epistemologia programática da lingüística – em outras palavras, uma projeção sustentada pelas duas configurações precedentes, quanto à cientificidade de uma disciplina futura (...) (idem – grifos no original)

Ainda que o percurso pareça ser o mesmo (o ponto de partida a Lingüística em seus primórdios, e o de chegada uma disciplina futura), há uma diferença radical entre os dois pensadores: para Milner, essa disciplina futura é o resultado de um “desvio no percurso”, inevitável e imposto pelo próprio desenvolvimento das idéias de Saussure. Para Bouquet, se considerarmos o termo “planejamento lógico”, parece haver uma predisposição desse desenvolvimento, como se os cursos já tivessem o objetivo de elaboração de uma disciplina futura^[11]. De minha parte, acredito que a hipótese milneriana seja mais sustentável.

Com base na percepção de Milner, não nos surpreende que Saussure fosse destruindo os esboços de sua exposição (cf. Prefácio do *CLG*): foi ao tratar da Lingüística que ele próprio fazia, de forma magistral, é preciso lembrar, que outra Lingüística se descortinava e inquietava-o. Benveniste (op.cit.), para quem o trabalho de Saussure era, de certa forma, instintivo^[12], reconhece que

Saussure afastava-se de sua época na mesma medida em que se tornava pouco a pouco senhor da sua própria verdade, pois essa verdade o fazia rejeitar tudo o que então se ensinava a respeito da linguagem. Mas ao mesmo tempo em que hesitava diante dessa revisão radical que sentia necessária, não podia resolver-se a publicar a menor nota antes de haver assegurado, em primeiro lugar, os fundamentos da teoria (p. 40).

Esse percurso, ou talvez deveríamos nos referir como um desvio de percurso, é inclusive atestado no prefácio de Isaac Salum à edição brasileira. Nele, temos a informação de cada um dos cursos:

- o primeiro versava essencialmente sobre fonologia, Lingüística evolutiva, alterações fonéticas, etc., ou seja, aquilo que interessava aos lingüistas comparativistas da época. É importante lembrar que isto constitui os capítulos finais e os apêndices do *CLG*, motivo pelo qual já antecipávamos que a leitura do *Curso* é não-linear;
- o segundo curso teve como matéria o signo lingüístico, definições de sistema e unidade e perspectivas metodológicas. Vemos aqui o início do percurso de Saussure na sistematização da Lingüística;
- o terceiro e último curso é uma espécie de junção dos dois primeiros: “como matéria, ‘integra na ordem dedutiva do segundo curso a riqueza analítica do primeiro’” (p. XVII).

A ordem em que os cursos foram acontecendo é sintomática do rumo que as coisas tomavam: não se podia ignorar que a Lingüística impunha questões incontornáveis aos lingüistas, tais como, e principalmente, a questão da unidade e da tarefa do lingüista como teórico. E estes são assuntos que o mestre tentou elaborar ao longo de sua exposição, partindo do que já era prática corrente no fazer lingüístico.

No entanto, ainda com Milner (op. cit), vimos que isso, por si só, não configura uma *nova* Lingüística. Na continuação da passagem reproduzida acima, o autor acrescenta:

Foi, aliás, o que pôde *fazer crer* que Saussure instituíra uma *ciência inédita*; mas vê-se facilmente em que isto é ilusório: (...) *não há nada da lingüística sincrônica pós-saussuriana* – essencialmente a fonologia de Trubtzkoy – *que já não esteja na gramática comparada* (idem – grifos meus).

A síntese milneriana é reveladora e inquietante, pois abala justamente uma certeza incontestável: a de que o *CLG* institui uma *nova* Lingüística. Mas, sendo essa afirmação parcialmente falsa, resta então a pergunta: a Lingüística saussuriana é nova em quê?

Uma “nova” Lingüística

Normand (2006), em seu artigo *Lire le Cours de Linguistique Générale*, discute o que, em sua opinião, constitui a novidade do programa saussuriano, e o faz de uma forma interessante: parte de textos publicados por ela mesma que tentam propor uma resposta, refuta-os e sugere uma nova hipótese. Em um primeiro artigo, ela propõe que Saussure se

diferencia pelo estatuto de ciência que confere à Lingüística. Como já explicitado (e reconhecido pela própria autora), essa não é uma tese completamente sustentável: a Lingüística já era vista como ciência, ainda que não nos moldes de uma ciência com método e objeto bem definido. Em outros dois textos, Normand propõe que as teorias do valor e do arbitrário do signo sejam vistas como aquilo que configura uma Lingüística nova. Mas a autora assume uma nova posição: tanto o valor quanto o arbitrário mascaram a verdadeira novidade do programa de Saussure: a adoção do ponto de vista semiológico. Para ela, essa é a grande mudança de perspectiva, que constitui tanto uma continuidade quanto um rompimento com a Lingüística histórica: “continuidade – a língua é uma instituição – e ruptura – a língua é uma instituição semiológica, um sistema puro de valores^[13]” (p. 162 – tradução minha). A isso, ela acrescenta:

A leitura semiológica de Saussure supõe entender o termo “social” como designador de uma característica interna do signo, e não mais uma causalidade externa que determina a língua (sentido entendido por Whitney e talvez ainda pela sociolingüística quando ela recusa o arbitrário em nome dessa causalidade). A língua é social porque ela é uma instituição regrada, é porque ela é social que ela é arbitrária pois ela não depende mais de uma causalidade externa do que dos indivíduos; “social” recobre portanto, para Whitney e para Saussure, duas realidades diferentes^[14] (idem – tradução minha).

Se a tese de Normand está correta, temos então uma implicação profunda para a Lingüística, agora nova não em si mesma, mas porque o *CLG*, “através das questões que o livro coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a lingüística que, a partir daí, não está mais diante do mesmo objeto” (Silveira, op. cit., p. 20). E esse novo objeto é a língua tomada por ela mesma, o que resulta em uma diferença metodológica de abordagem do dado lingüístico:

No entanto, o ponto de vista mudou a partir do momento em que a regularidade buscada é aquela das leis de mudança em uma língua ou uma família de línguas, ver as tendências universais que serão reconhecidas em todos os idiomas, no lugar da regularidade de formas distribuídas em paradigmas, que sustentam o funcionamento de uma dada língua; *história* ou *descrição*, o método difere porque o objeto em questão é diferente, porque não se busca a mesma coisa, mesmo que nos servindo dos mesmos dados^[15] (p. 36 – grifos no original – tradução minha).

É, portanto, nesse sentido que temos a emersão de uma *Lingüística Geral*, termo no qual *geral* se refere a *generalidade dos princípios*, e não mais à *generalização dos resultados* empíricos até então feitos pela Lingüística^[16] (cf. Normand, 2000, p. 97). Generalidade que, mesmo a contragosto^[17], consagrou o mestre.

Se essa é uma novidade no tocante à metodologia lingüística, o *CLG* também instaura uma novidade epistemológica: com Saussure, a Lingüística começa a ser uma ciência que passa a “**notar** formas^[18], não observáveis por definição” para utilizar a expressão de Milner (1987, p. 21 – grifo no original). Se “a própria ciência deve se fazer representável, isto é, dar lugar a alguma teoria consistente” (ib., p. 33), é com Saussure que a Lingüística ascende a este *status* específico de cientificidade, diferente daquele que tinha anteriormente. E isso só foi possível graças ao novo objeto da Lingüística – a língua – pois “toda ciência, da qual a lingüística é aqui apenas uma espécie, é a construção de uma escrita e define-se como ciência por só admitir escrita do que se repete” (ib., p. 39), e a língua (em oposição à fala) é o lugar do repetível na concepção saussuriana de linguagem.

Vemos, assim, que o que há de “novo” no *CLG* não é propriamente o que ele realiza, enquanto obra fundadora, mas o que ele possibilita para o futuro, para os lingüistas que, a partir dali, tomaram os ensinamentos saussurianos como base para uma nova Lingüística, que se dá, na verdade, *a posteriori*. O ineditismo e a virtude de Saussure, incomparáveis e

singulares, estão em tornar isso possível: diferentemente dos outros, Saussure preocupou-se com os fundamentos, e isso o levou não a ensinar Linguística Geral apenas, mas, sobretudo, a ensinar ao lingüista o que ele faz.

Considerações finais

Esta breve revisão da literatura crítica acerca do *CLG* e a incursão que propus pelo *Curso* tiveram o objetivo de evidenciar que a concepção de Linguística sofre desdobramentos importantes dentro da obra dita fundadora do campo. O objetivo foi, principalmente, o de questionar em que medida é possível afirmar que há a fundação de uma ciência, ou mesmo um campo do saber *novo* a partir dos cursos ministrados pelo genebrino. As conclusões que aqui se apresentam parecem estar em plena consonância com a percepção de Milner (1987), para quem a intenção atribuída a Saussure de fundar a linguística como ciência deve ser relativizada. Tal intenção fez com que o lingüista fosse inclusive comparado a Freud, ao que Milner responde:

(...) Freud é um iniciador; quando ele funda, ele faz existir uma configuração inédita antes dele. Com Saussure, não é a mesma coisa: a seus olhos, a linguística existe – é a gramática comparada -, o problema é que ela ignora o que a torna possível. *Não se trata de começar, mas de autorizar em direito* (...) (p. 32 - grifos meus).

E autorizar um campo do saber é radicalmente diferente de fundá-lo. Obviamente, por mais que não se funde uma nova ciência, um novo campo do saber, marca-se uma virada, um novo começo, e “ a linguística teve vários começos. Ela recomeçou e se reengendrou a si mesma várias vezes – não sem se dar cada vez antecedentes” (Benveniste, 1989: 30). Foi precisamente isso que acontece com a Linguística quando Saussure se propõe a questioná-la.

Por último, cabe ainda a lembrança de que, se a Linguística toma novos rumos a partir do pensamento de Saussure, não é por seu trabalho enquanto lingüista, que permanece focado na linguística histórica, mas sim por sua teorização acerca do que torna essa ciência possível. Assim, a “nova Linguística” está diretamente ligada ao trabalho dos “novos lingüistas”, que tomam para si a tarefa de desenvolver o postulado saussuriano em termos práticos. Não é de estranhar, portanto, a massiva quantidade de remissões ao lingüista e ao seu fazer ao longo do *CLG*, conforme abordado por Flores (no prelo). Saussure mesmo revela essa necessidade a Meillet, seu amigo e colega: “vejo cada vez mais, também, a imensidade do trabalho que seria necessário para mostrar ao lingüista o *que ele faz* (...)”^[19]. Com isso, nos diz Benveniste (op. cit), Saussure

queria fazer compreender o erro em que se envolveu a Linguística desde que estuda a linguagem como uma coisa, como um organismo vivo ou como matéria que se analisa por uma técnica instrumental, ou ainda como uma criação livre e incessante da imaginação humana. É preciso voltar aos fundamentos, descobrir esse objeto que é a linguagem, a que nada pode ser comparado (1995:41)

E acrescenta:

Todo o esforço de Saussure (...) é a exigência que ele pôs de ensinar ao lingüista o que ele faz. (...) Está aí, pode-se dizer, a virada da linguística (1989: 14).

É a partir das instruções aos lingüistas, de forma a verdadeiramente ensinar o ofício àqueles que se interessam em estudar a linguagem, que Saussure se torna incontornável na Linguística até a atualidade. E um de seus mais fiéis leitores, Émile Benveniste (ib., p.34) resume bem essa importância: “não há um só lingüista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome”.

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1995.
- _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.
- BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. V.1: O campo do signo. Bauru: EDUSC, 2007.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **A Lingüística e o lingüista no CLG**. (no prelo)
- MILNER, Jean-Claude. **El periplo estructural: figuras y paradigma**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2002.
- _____. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- NORMAND, Claudine. **Allegro ma non troppo: invitation à la linguistique**. Paris : Ophrys, 2006.
- _____. Saussure. Paris : Les Belles Lettres, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 26ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. **Corso di linguistica generale**. Edição crítica de Tullio de Mauro. Bari: Laterza, 1974.
- SILVEIRA, Eliane. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Teorias do Texto e do Discurso. E-mail: paulaavilan@gmail.com

[2] Claudine Normand inclusive comenta e questiona: “ele morreu ainda jovem, discretamente, deixando, como dizemos, uma obra inatingida. Mas seria ela atingível?” (2006:75 – tradução minha).

[3] É sempre necessário precisar que, ao tomar o *CLG* como base de estudo, não estou descartando toda a problemática que circunda a obra. Temos plena consciência disso: “o Saussure que ensinou durante dez anos na École des Hautes Études” não é “o Saussure cujo nome ecoa hoje por toda parte” (Benveniste, 1989:12). Silveira (2007), inclusive, aponta que há uma grande diferença em se tratar das idéias saussurianas e das idéias de Saussure, uma vez que as primeiras são, na verdade, reflexo de uma obra editada, que sofre diversas alterações. Se, neste texto, tomo o *CLG* como representativo do pensamento de Saussure, a ponto de equacionar o que é lido na obra com as idéias do mestre, é por pura comodidade. Um outro trabalho precisaria ser feito, levando em conta a questão aqui apresentada à luz dos manuscritos e outras fontes que enriquecem a leitura do *CLG*.

[4] Milner (2002) inclusive pontua a ambigüidade que a palavra *Cours* promove em francês: trata-se de um Curso ou de Cursos de Lingüística Geral?

[5] Nas páginas 12 e 64.

[6] No original: “les ouvrages d’introduction ne manquaient pas, mais ils me semblaient prendre comme assurée la nouveauté saussurienne sans se soucier de justifier cette affirmation”.

[7] Duas observações precisam ser feitas. A primeira é que, para este estudo, não considero, evidentemente, o termo “lingüística” em posição adjetiva, como em “comunidade lingüística” (p. 85). A segunda é que os exemplos não pretendem, de forma alguma, serem exaustivos, mas apenas servem para comprovar o ponto de vista desenvolvido neste

ensaio.

[8] Todas as vezes que o termo Lingüística aparecer em negrito nas citações aqui transcritas, trata-se de um grifo meu, não constante no texto original.

[9] Ao menos é isso que o comentário de Benveniste (1995:36) deixa entrever:

[Saussure] até o fim de sua vida, e cada vez mais incessantemente, dolorosamente se poderia dizer, à medida que se adianta na sua reflexão, vai à procura dos 'dados elementares' que constituem a linguagem, desviando-se pouco a pouco da ciência do seu tempo, em que não se vê senão 'arbitrariedade e incerteza', numa época em que a lingüística indo-européia, *segura dos seus métodos*, procurava atingir, com crescente sucesso, o método comparativo (grifo meu).

[10] Essas informações provêm da versão do Curso de Lingüística Geral comentada por de Mauro (1974).

[11] Não quero dizer, com isso, que Bouquet se equivoca, sobretudo porque seu *corpus* de análise é constituído também pelos manuscritos saussurianos. No entanto, acredito que, considerando apenas o *CLG*, sua visão de um planejamento lógico seja mais difícil de sustentar.

[12] "Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos. Vai *por instinto* aos caracteres primordiais, que governam a diversidade dos dados empíricos" (p. 35, grifo meu).

[13] No original: "continuité – la langue est une institution – et rupture – la langue est une institution sémiologique, un système de valeurs pure".

[14] No original: "La lecture sémiologique de Saussure suppose d'entendre le terme « social » comme désignant un caractère interne du signe et non plus une causalité externe déterminant la langue (sens où l'entend Whitney et peut-être encore la sociolinguistique quand elle récuse l'arbitraire au nom de cette causalité). La langue est sociale parce qu'elle est une institution réglée, c'est parce qu'elle est sociale qu'elle est arbitraire car elle ne dépend pas plus d'une causalité externe que des individus ; « social » recouvre donc chez Whitney et Saussure deux réalités distinctes".

[15] No original: "Cependant le point de vue a changé à partir du moment où la régularité cherchée est celles de lois de changement dans une langue ou une famille de langues, voire de tendances universelles qui seraient repérables dans toutes les langues, au lieu de la régularité des formes réparties en paradigmes, qui sous-tendent le fonctionnement d'une langue donné ; *histoire* ou *description*, la méthode diffère parce que l'objet concerné diffère, parce qu'on ne cherche pas la même chose même si l'on se sert des mêmes donnés".

[16] Textualmente, diz Normand:

A apresentação feita aqui insistiu sobre seu escopo epistemológico, vendo nele antes de tudo uma reflexão sobre as condições de uma abordagem científica em lingüística. Nessa interpretação, *geral* qualifica a *generalidade dos princípios*, o que introduz uma diferença fundamental em relação à *generalização dos resultados* empíricos, implicados em projetos até então tidos como de lingüística geral. (p. 97 – tradução minha).

[17] Essa observação é de Benveniste (1989: 14): "É um homem que agiu depois de sua morte. O que ele ensinou de noções gerais e que foi passado no Curso de Lingüística Geral publicado por seus discípulos, ele o ensinou, é necessário sabê-lo, a contragosto". Normand (2000:17) também lembra: "Saussure não inventou a expressão Lingüística Geral, talvez ele nem mesmo a tenha escolhido; sabemos somente que o ensino do qual ele foi oficialmente encarregado em Geneva se intitulava assim".

[18] No sentido de notação científica.



Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.

